

Opinião

opinio@cp.com.br
leitor@cp.com.br

"A gente lamenta muito, é uma perda muito grande. Ele era um parceiraço. Eu vivi muito próximo a ele"

Careca, ex-jogador, grande amigo e companheiro de Maradona no Napoli no fim da década de 80



fernando j. costa

Mudamos

O título deste artigo deu ensejo a presente escrita. O mundo mudou. Importante analisar o mundo após 2020. Tivemos na humanidade de quatro importantes revoluções, a primeira veio com a descoberta das máquinas, do ferro e do carvão; a segunda, com o desenvolvimento da indústria química, da descoberta da energia elétrica, do petróleo como combustível e do aço; a terceira revolução substituiu a mecânica analógica pela digital, com microcomputadores e a criação da Internet, que globalizou o mundo; e, por fim, a quarta, e certamente a mais relevante das revoluções industriais, também chamada indústria 4.0, que trata de uma revolução tecnológica, que transformou nossa forma de viver, trabalhar e nos relacionar, com a criação da robótica, inteligência artificial, big data, nanotecnologia, impressão 3D, biologia sintética. Estamos entrando em uma conexão entre o mundo digital, físico e biológico.

Somado às revoluções industriais, surgiu em 2020 a pandemia da Covid-19. Com ela mudamos radicalmente nossa maneira de olhar o mundo, valorizar a vida, trabalhar e principalmente de viver. A presença in loco mudou para virtual: a reunião se transformou em videoconferência, a audiência em teleaudiência, a consulta médica foi transformada em consulta virtual, e percebemos como perdiamos tempo nos transportando, podendo realizar a mesma atividade à distância, apenas utilizando os meios de comunicação digital. Assim, percebemos que muitos poderão realizar suas atividades em home-office, ou seja, em casa, com a família, sem perder tempo ou gastar dinheiro se deslocando e ganhando um item muito relevante e imprescindível à humanidade, chamado "qualidade de vida".

Mas não foi só isso que mudou. Com esta pandemia do coronavírus, jamais enfrentada por nossa geração, gerando um medo de morrer, de perder entes próximos ou não, a humanidade passou a valorizar ainda mais a vida. Como nunca se viu antes, o mundo parou, acompanhando mais de um milhão de pessoas perderem suas vidas e se uniu como se o mundo fosse uma só nação, com o objetivo de sal-

var vidas, empresas, empregos, a economia, educação e tudo que simplesmente do dia para a noite foi interrompido.

Hoje nos tomamos mais observadores e críticos. Pessoas que não se adaptarem às mudanças e ao novo mundo estarão desatualizadas. Isso se reflete na vida social, no mercado profissional e na política. Não aplaudiremos gestores do setor privado ou público que não estejam sintonizados ao novo mundo, aos novos hábitos e aos novos princípios. Esta radical mudança de hábitos e pensamentos surgiu na pandemia do coronavírus. O mundo não aprova mais servidores públicos, que simplesmente ignoram a saúde, a segurança pública, a qualidade de vida, o diálogo, a transparência e o respeito ao próximo.

Um recente resultado disto foi visto nas eleições americanas. O povo elegeu para presidente um político que respeita a vida, o próximo, o diálogo e o bom senso. Não teremos mais espaço para líderes que governam com arrogância, estimulando o conflito e impondo regras, sem diálogo, sem fundamento, apenas por entenderem que eles decidem e ponto final.

Mudamos, e todos, sem exceção, devem mudar e se adaptar ao novo mundo, mais dinâmico, conectado, globalizado e mais exigente. Vejamos a empresa Kodak, fundada em 1889, tida como a maior empresa de fotografias do mundo, que no final da década de 70 tinha 90% das vendas de filmes e 85% das vendas de câmeras nos EUA, sendo o principal mercado mundial à época, sem contar sua participação ao redor do mundo, como no Brasil. A Kodak tinha naquela época cerca de 100.000 empregados e um lucro de bilhões. Ao não acompanhar as mudanças, em 2012, após o surgimento dos smartphones, que além de realizar ligações, tiravam fotografias e filmavam, perdeu mercado, pediu falência e hoje, com financiamento, entrou no mercado farmacêutico. Assim, os líderes e formadores de opinião que não se adaptarem ao novo mundo, com seus novos costumes, estão fadados ao ostracismo e ao insucesso.

||| Fernando José da Costa é secretário de Estado de Justiça e Cidadania

imagem do dia



LEANDRO FERREIRA/AN Fotógrafo Wagner Souza tenta achar o melhor ângulo, de cima de caminhão, para fotografar o prefeito eleito Dário

ASTRONOMIA

O imperador astrônomo do Brasil

NELSON TRAVNIK

Hoje, 2 de dezembro, os astrônomos brasileiros comemoram o Dia Nacional da Astronomia, o Dia do Astrônomo. A grata efeméride assinala o nascimento de D. Pedro II, numa homenagem ao governante que mais fez pela astronomia no País. D. Pedro II foi um apaixonado pelas ciências. Em sua residência oficial — o Paço de São Cristóvão, que abriga o Museu Nacional alvo de um devastador incêndio em 02/09/2018 — construiu no telhado um observatório e possuía um gabinete com biblioteca, instrumentos astronômicos e espaços para guardar suas coleções particulares de numismática, amostras botânicas e mineralógicas. Gostava de receber alunos para ensinar astronomia e aprender a observar o céu. Dizia "se eu não fosse imperador desejaria ser professor. Não conheço missão maior que a de dirigir inteligências dos jovens e preparar os homens do futuro". Acreditava-se que tamanha devoção ao céu, veio através do litógrafo e artista francês Louis Boulanger (1798-1874) e de frei Pedro da Santa Mariana (1782-1864). Em todas suas atividades, não escondia sua predileção pela astronomia. Tinha um quarto privativo no Imperial Observatório para descansar após horas de observação. O Observatório havia sido criado por seu pai, D. Pedro I. Astrônomos

que o conheciam eram unânimes em reconhecer que ele conhecia astronomia a fundo. Modernizou o Observatório doando vários instrumentos seus bem como importando um círculo mural, uma pendula sideral, uma luneta meridiana além de aparelhos magnéticos e meteorológicos. Mas faltava astrônomos de renome e para tanto convidou em 1870 o francês Emmanuel Liais (1826-1912) para assumir a direção do Observatório. Emmanuel Liais ficou no cargo até 1884 sendo substituído pelo belga Louis Ferdinand Cruls (1848-1908). O apoio constante de D. Pedro II a Liais e Cruls, produziram trabalhos de investigação de alto nível reconhecidos internacionalmente. Por outro lado, o imperador mantinha contato estreito com grandes nomes da astronomia mundial entre eles, Camille Flammarion (1842-1925) que o convidou para inaugurarem juntos o seu Observatório de Juvisy em 29/07/1887. D. Pedro II, foi o primeiro brasileiro a figurar como sócio da Sociedade Astronômica da França bem com era também Sócio Honorário da Academia de Ciências de Paris, tendo recebido o título da Magnânimo pela Academia Francesa por jamais ter alimentado dentro de si o ódio, a vingança e a perseguição. Definido pelo grande estadista inglês William Gladstone (1809-1898) como "Modelo para todos os soberanos do mundo", dominava fluentemente sete idiomas e possuía conhecimentos enciclopédicos. Em suas freqüentes

visitas à Europa, fazia questão de visitar alguns observatórios procurando se inteirar com as pesquisas e progressos recentes da astronomia. Estava sempre envolvido em novas idéias e descobertas importantes para o Brasil. Como astrônomo amador, D. Pedro II realizou inúmeras observações importantes dentre as quais se destacam a que fez junto ao astrônomo Cruls da primeira análise espectroscópica de um cometa usando equipamento fotográfico pela primeira vez; observação do eclipse solar de 1857 e a rara passagem de Vênus pelo disco solar em 06/12/1882. A astronomia foi a ponte que reuniu três grandes nomes: Victor Hugo, Camille Flammarion e D. Pedro II. Nosso imperador causou deslumbramentos em intelectuais, escritores e compositores como Camille Saint Saëns e Richard Wagner Este último, quando da inauguração do seu Teatro, o Festspielhaus em 1876, convidou D. Pedro II que compareceu. Em 2011 visitei o Teatro e me foi mostrado o camarote com a cadeira onde ele se sentou. A música também dominava o universo de D. Pedro II. Reconhecendo o talento do campeão Antonio Carlos Gomes (1836-1896), patrocinou sua ida a Milão na Itália para estudos e aperfeiçoamento. O resultado todos conhecem: o "Tônico de Campinas" como era conhecido, tornou-se o maior compositor de óperas das Américas! Havia encomendado na Inglaterra um grande telescópio que chegou ao Rio justamente por ocasião da Procla-

mação da República e os republicanos não hesitaram: mandaram o telescópio de volta! Já no exílio, o astrônomo Pierre Charlois (1864-1910) do Observatório de Nice, batizou o asteroide nº 291 por ele descoberto com o nome de Brasília em homenagem a D. Pedro II. Exemplo de honestidade, dignidade e amor a pátria que falta aos homens de hoje, num modesto hotel de Paris com apenas 66 anos, devido a uma pneumonia aguda do pulmão, faleceu aos 20 minutos do dia 05/12/1891. No caixão foi vestido com a farda de General do Exército Brasileiro e coberto com a bandeira imperial. Sua cabeça repousou sobre uma almofada com um pouco de terra do Brasil. Com Honras de Chefe de Estado, o enterro foi acompanhado por uma multidão estimada em 250.000 pessoas, superior ao de Victor Hugo! Após ser velado na igreja da Madalena, seus restos mortais seguiram para Lisboa onde ficaria até 1921 no Panteão dos Braganças. Neste ano foram trazidos ao Brasil pelo encouraçado São Paulo e depositados na Catedral do Rio e Janeiro. Em 1925 vieram para a Catedral de Petrópolis, na ala destinada a Família Imperial. Historiadores sérios atribuem a D. Pedro II o título de "O Maior dos Brasileiros" e sua devoção ao céu certamente o levou ao encontro das estrelas que tanto amou.

||| Nelson Travnik, natural de Petrópolis, é astrônomo, diretor do Observatório Astronômico de Petrópolis e membro titular da Sociedade Astronômica da França

BEM-ESTAR ECONÔMICO

Sociedade justa e humanista

NEI CALDERON

O ano de 2020 ficará registrado na memória da humanidade. Havia uma expectativa de novos investimentos, principalmente, na área econômica. Todas essas expectativas foram pausadas por um vírus que já matou e infectou milhões de pessoas. Na área empresarial, as empresas precisaram se adaptar a essa nova realidade. Os empresários que já estavam sofrendo com a crise econômica no País, a pandemia fora um "golpe mortal";

sem crédito e sem fôlego para sustentar um longo período de quarentena e recessão, foram obrigados a demitir seus funcionários — milhares não receberam seus direitos trabalhistas. A justiça do trabalho sentirá o impacto devido ao grande fluxo dessas ações. O empresário, portanto, reinventou o seu modelo de negócio, aderindo ao home-office, uma estratégia eficaz para a diminuição de despesas fixas e prospecção equilibrada entre receitas e despesas, medidas que evitaram ao máximo a demissão em massa. Outras estratégias foram utilizadas como: férias antecipadas, redu-

ção na jornada de trabalho, diminuição do salário, ou seja, tudo para sobreviver nessa pandemia.

Para diminuir os impactos negativos na economia, o Governo Federal concedeu o auxílio emergencial para milhões de brasileiros para que tivessem o mínimo de subsistência na pandemia. Os nossos déficits ficaram encançados. Saúde precária, falta de saneamento básico, falta de infraestrutura nas regiões mais pobres e ainda o IDH baixo, accentuando ainda mais as desigualdades sociais no Brasil. Uma sociedade justa, humanitária e sustentável tem os seus direitos asseg-

gurados na Constituição Federal de 1988, porém entre a prática e a teoria há um abismo colossal.

Conforme o artigo 1º, inciso III, da Constituição Federal, o Brasil tem como princípio fundamental a dignidade da pessoa humana; no artigo 3º, inciso I, construir uma sociedade justa, livre e solidária; inciso III, erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; artigo 4º, inciso II, prevalência dos direitos humanos, ou seja, são direitos fundamentais garantidos na C.F. de 1988, mas que na prática não são efetivos, pois o modelo de gestão

capitalista corrompe esses princípios fundamentais. Portanto, é extremamente necessário que haja um modelo capitalista humanista, conforme proposto e idealizado por Ricardo Hasson Sayeg e Wagner Barela, o qual contribui para uma reflexão dessa nova teoria do direito que analisa os aspectos jurídicos do capitalismo, em harmonia com os direitos humanos e sociais. Não é uma proposta para o socialismo ou comunismo.

O capitalismo humanista apresenta os fundamentos teóricos do direito econômico humanista, diante da prevalência do capitalismo sob uma perspectiva jurídico-econômica, analisando a incidência multidimensional dos direitos humanos e a sua repercussão no direito pátrio. Mas, estamos caminhando para um novo rumo, a capital paulista, em ou-

tubro, avançou, e, agora, também deve ser observada como a capital, sob o ponto de vista econômico. Capitalista Humanista, pois o prefeito Bruno Covas sancionou a Lei Municipal nº 17.481 de 30 de setembro de 2020, em que São Paulo se autoproclama Capitalista Humanista. A referida Lei estabelece entre outros pontos que o índice de bem-estar econômico passa a ser considerado de utilidade pública e instrumento de orientação da política pública do Município de São Paulo, conforme a metodologia do índice do Capitalismo Humanista, denominado iCapH, desenvolvido pelo Instituto do Capitalismo Humanista.

||| Nei Calderon é presidente do Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas em Ciências Políticas e Jurídicas, mestre em Direito, doutorando em Direito Empresarial e sócio-fundador do escritório Rocha, Calderon e Advogados Associados.